

Articulações entre o originário, o objeto e a análise do sujeito

Mara Selaibe

Resenha de Daniel Delouya, *Análise, teimosia do sintoma e migração*, São Paulo, Blucher, 2021, 344 p. (Série Escrita Psicanalítica, coord. Marina Massi).

Ao final da Introdução de *Análise, teimosia do sintoma e migração*, Daniel Delouya oferece a seus leitores a possibilidade de encontrar a chave para o fio de seu pensamento que percorre os dezesseis artigos da coletânea, redigidos entre 2004 e 2017. Esse período de treze anos compreende um tempo de maturação psicanalítica expressa em reflexões partilhadas – agora editadas pela Blucher, integrando a Série Escrita Psicanalítica, sob a direção de Marina Massi.

Entretanto, o próprio título da coletânea nos indica um trajeto de leitura dos artigos pela enunciação do autor: “apreender algo da essência da análise” (p. 21) considerando a possibilidade de a insistência, a *teimosia do sintoma*, dar lugar a uma *migração* na direção de um traço estilístico de apropriação psíquica. Se para tanto Delouya recorre à formulação lacaniana a respeito da concepção de cura na psicanálise, considerando a possibilidade da *migração* do sintoma ao *sinthome*, o inédito de sua proposta encontra-se no modo de apropriação clínica realizado pelo autor, fortemente enraizado na linhagem freudiana – sem

dúvida sua fonte mais contundente. De toda maneira, essa proposição de trajeto para leitura atual foi construída *a posteriori* pelo autor, quando da seleção e da organização dos textos para a finalidade da Série.

No Prefácio ao livro, Rodrigo Leite aponta para outro norteador de leitura possível à coletânea: delinea como o trabalho do luto é abordado por ângulos diversos nas questões tratadas quase em todos os artigos. Com certeza o trabalho do luto pode ser considerado fulcro de uma psicanálise. E, no caso desse livro, o encontramos amplamente problematizado.

De outra parte, ainda, a leitura do livro vai descortinando uma longa e minuciosa pesquisa, abordada por ângulos complementares, a respeito do originário, do lugar, função e falhas do objeto na constituição do psiquismo instaurador do sujeito; dos sujeitos que se apresentam para suas psicanálises em algum momento de suas vidas e são acompanhados pelo autor.

Mas é Delouya quem também registra na Introdução algo sobre sua razão pessoal para se lançar na escrita – razão possivelmente antiga e perene, dado ser esse seu sexto livro publicado; menciona “uma certa urgência de apropriação mediante testemunhas, interlocutores, os outros: leitores” (p. 19). Pois bem, *Análise, teimosia do sintoma e migração* oferece a seus pares trezentas e quarenta páginas escritas. Cada interessado em suas formulações pode se juntar ao autor em seus ires e vires à procura, nesse movimento do pensamento, de uma criação, alguma criação a mais de sentido para nosso ofício. Se “a escrita e a publicação não são exigências para a formação do analista” (p. 19), elas são, no entanto, parte intrínseca da transmissão entre analistas. Por elas o diálogo mais aprofundado pode se estabelecer, as diferenças e divergências são colocadas, e as construções do saber seguem seus trâmites.

Quando um paciente vem até um psicanalista, ele traz seus sintomas e inibições, suas dificuldades, como demanda de ajuda para ultrapassar seu sofrimento. E na condução das análises é possível obter, quando se pode alcançar, efeitos

psicoterapêuticos importantes e muito bem-vindos! Mas o próprio da psicanálise encontra-se na escuta do inédito cuja consequência é expandir os domínios do eu sobre as terras estrangeiras do isso¹, tornando-as pensáveis, justamente atravessadas pelas trajetórias de sentido. Esse movimento psíquico nem sempre promove o alívio almejado por quem sofre; mas sempre convoca ao trabalho do pensamento. Toca-se, então, no veio do processo analítico.

Contudo, há algo a ser sublinhado, algo bastante específico na experiência da leitura de *Análise, teimosia do sintoma e migração*. A aproximação com essas páginas recoloca o que o leitor já encontrou em livros anteriores de Delouya. Ou seja, algo intrínseco a seu traço estilístico, por assim dizer, e através do qual ele veicula suas apropriações, quando busca interlocução.

Esse traço marcante, singular, de sua escrita é oferecido a cada tantas páginas, em passagens de uma qualidade de sensibilidade notável, apreendida por meio da arquitetura das frases; acompanha-se uma atitude estética. As situações clínicas e, nesse livro em particular, os relatos pessoais ali contidos conduzem ao desfrute de uma espécie de conto literário. O autor sabe como conduzir o leitor, tal qual numa dança, até que o último adentre as atmosferas afetivas experimentadas pelo primeiro junto a seus pacientes. E ainda outras atmosferas experienciadas em passagens marcantes de sua vida; passagens estas – tomando em conta suas posições nos artigos – elaboradas ao longo de sua própria análise.

A criação delicada de imagens esculpidas, tridimensionais, realmente merece admiração. Dá muito prazer ler o livro encarnado. É quase possível avaliar o tom da voz de um paciente; imaginar o silêncio antecessor de uma fala tocante; reconhecer a emergência da descrição de uma cena contada ao analista; vislumbrar a satisfação ao final de um percurso analítico; intuir a dificuldade de um processo todo de trabalho em um recorte de uma sessão.

O leitor, então, se reconhece introduzido à intimidade psíquica do movimento de “cair-se para

dentro da cena da lembrança” (p. 20), como o autor assim descreve isso que ele mesmo realiza em certos recortes de seu trabalho com aqueles a quem acolhe em seu consultório. E, feito uma série de bonecas russas, o leitor, então, por sua vez, cai para dentro de cenas da lembrança de seu próprio pré-consciente, associadas ao que as cenas relatadas promoveram. Por essa constituição da transmissão escrita prossegue-se a interlocução de ideias.

Mas mais do que isso: há a generosidade autoral em se permitir ser acompanhado ao contar trechos, passagens de sua vida em momentos de dor, de compartilhamento familiar infantil íntimo com seus irmãos, de suas imigrações, e mesmo de seu desfrute reflexivo diante da arte – sempre com essa capacidade de fazer da escrita pessoal uma viagem entrelaçada à transmissão de algo do campo analítico junto ao colega leitor.

Todavia, ninguém pode se deixar iludir com esse embalar realmente envolvente! O traço estilístico apreendido frase após frase não se circunscreve ao já assinalado. De outra perspectiva, o leitor é, ao mesmo tempo, arrastado por uma exigência teórica e metapsicológica muito forte feita pelo livro. Apenas um exemplo: as tramas do originário ao primário na instauração do psiquismo, com as temáticas do design da letra, do corpo invisível da palavra, das questões entre a linguagem, a representação, a simbolização e a experiência emocional estão articuladas entre textos. E as problemáticas de pertencimento à cultura entremeiam todo esse grupo de artigos, alcançando inclusive a questão do mal. Ou outro exemplo ainda: o eu e suas temáticas agudas são abordados pela linha do negativo, pela vivência da angústia, pela formação dos sintomas, pelo trabalho do analista.

Esse arrastão a hipóteses e proposições compensa pela oferta de reflexões; elas são densas, referidas aos autores de preferência de Delouya, apontando travessias nem fáceis e nem óbvias. Às vezes são árduas mesmo e chegam a exigir relativo esforço para acompanhar o deslinde do problema tratado. Uma coisa é certa: não se sai dessas tramas sem levar alguma coisa: uma ideia, uma dúvida, uma pergunta, um desacordo, uma

contraposição, uma instigação para prosseguir em outras fontes.

O modo característico de Daniel Delouya organizar o pensamento é rigoroso e, muitas vezes, condensado. Quem se põe a ler é envolvido por esse rigor e provocado pelas condensações. Entretanto, não se trata de uma questão da teoria pela teoria; trata-se justamente de processo e manejo analíticos no cotidiano do ofício.

Assim, note-se, o cerne do traço estilístico da escrita está no ritmo composto por estes dois

movimentos: oferta de imagens clínicas promotoras de cenas pela construção das frases envolventes e o trabalho árduo com o pensamento analítico teórico e metapsicológico. Ritmo encontrado ao longo de toda a publicação. Tal composição rítmica torna a experiência da leitura uma aventura do pensamento psicanalítico. Já não se trata apenas de contato com o pensamento de um autor, mas da aventura de ser envolvido pelo chamado a seguir pensando com Delouya os próprios da *Análise, teimosia do sintoma e migração*.